



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
PEDAGOGIA LICENCIATURA**

TAIZA RIBEIRO DA SILVA SANTOS

**O CONTO E O RECONTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAL, *CAMPUS*
DO SERTÃO**

**DELMIRO GOUVEIA– AL
2022**

TAIZA RIBEIRO DA SILVA SANTOS

**O CONTO E O RECONTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAL, *CAMPUS*
DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Noélia Rodrigues dos Santos.

DELMIRO GOUVEIA– AL
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237c Santos, Taiza Ribeiro Da Silva

O conto e o reconto na educação infantil: a experiência do estágio supervisionado do curso de Pedagogia da UFAL, Campus do Sertão / Taiza Ribeiro da Silva Santos. ~2022.

55 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Noélia Rodrigues dos Santos.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Educação infantil. 2. Literatura infantil. 3. Contação de histórias. 4. Conto e reconto. I. Santos, Noélia Rodrigues dos. II. Título.

CDU: 373:028.5

TAIZA RIBEIRO DA SILVA SANTOS

**O CONTO E O RECONTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAL,
CAMPUS DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia,
da Universidade Federal de Alagoas
– Campus do Sertão, como parte dos
requisitos para a obtenção do título
de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Msc. Noélia
Rodrigues dos Santos.

Aprovada em 03 / 04 / 2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa Ma. Noélia Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Alagoas – UFAL *Campus* do Sertão

Profa. Dra Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss
Universidade Federal de Alagoas – UFAL *Campus* do Sertão

Prof. Dr. Rodrigo Pereira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL *Campus* do Sertão

Ao Deus do impossível, por ter me proporcionado muitas vitórias e força para continuar acreditando e lutando pelos meus objetivos, dando-me sabedoria e discernimento. Transmitindo-me a segurança necessária para enfrentar o caminho e seguir. Graças a Ele, hoje eu estou iniciando um outro estágio na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela fé que me permite ter, pelo dom da vida, pela existência dos meus familiares e amigos que me deu força na minha caminhada.

Aos meus pais, exemplos a serem seguidos, pelo amor, carinho e educação que sempre me dedicam e fez de mim o que sou hoje.

A minhas irmãs pelos vários momentos ausentes, em nossas diversões diárias e em nossas conversas.

Aos meus filhos Sharytha e Théo, que amo muito por compreender meus momentos de ausência, estresse e incertezas, mesmo assim mim fortalecendo para as batalhas.

Aos meus amigos de sala, que me fortaleceram nesta caminhada e pelo aprendizado que tivemos juntos e que dividiram as angústias, lágrimas, preocupações e alegrias.

Aos meus professores pelo aprendizado e por transmitirem seus conhecimentos e experiências profissionais e de vida. Orientando-me em todos os momentos, com dedicação e carinho, os meus sinceros agradecimentos, que são poucos, diante do muito que me foi oferecido.

Agradeço a minha querida orientadora, a Professora Nóelia Rodrigues, por me ajudar nessa jornada, com seus ensinamentos e dedicação, obrigado por sua paciência e parceria.

A Universidade Federal de Alagoas por ter proporcionado a me e a todos os formandos a segurança na conclusão da graduação.

A toda equipe da coordenação do curso pela preocupação com as aulas, com o corpo docente e o corpo discente, além da preocupação de fazer sempre o melhor para todos.

A todos e todas que fazem parte da UFAL – Campus sertão, meu muito obrigada.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho.

“Quem conta é também quem aconchega, é quem traz para a perto, quem respira junto e quem dialoga”.

Celso Siso

RESUMO

Este trabalho trata sobre a Literatura Infantil junto as crianças da Educação Infantil, abordando a importância que o conto e o reconto têm na vida da criança, como estes podem colaborar para o desenvolvendo de sua prática linguística, suas expressões orais e corporais. Tendo em vista que a hora do conto é um momento muito utilizado pelos educadores em sala de aula, visa-se compreender as práticas e o desenvolver deste recurso pedagógico. A pesquisa teve como referencial teórico principalmente Abramovich (1993), Arroyo (2003), Bettelheim (1998), Souza e Bernardino (2011), Cademartori (1986), Coelho (1999), Alves (2008), Bussato (2007), Mendes (2000), Souza (2018), entre outros que proporcionará um conhecimento maior sobre o tema proposto. Além da legislação nacional como a LDBEN, o RCNEI, os PNCs, a BNCC, entre outros. Nosso questionamento é: o conto e reconto podem ser utilizados como ferramentas de ensino-aprendizagem na educação infantil? Tendo como objetivo compreender o conto e o reconto como ferramentas importantes para o desenvolvimento da leitura de crianças da Educação Infantil a partir da experiência de estágio supervisionado. Para tanto, realizamos uma pesquisa do tipo qualitativa, caracterizada como pesquisa participante numa escola de Educação Infantil, a partir da interação da pesquisadora com estudantes de uma turma da pré-escola nos meses de agosto e setembro de 2018. Assim, buscamos compreender os estudos dos autores sobre os contos e os correlacionando com as práticas das atividades desenvolvidas em sala de aula durante o estágio supervisionado, visando o desenvolvimento integral da criança e o incentivo para o despertar da leitura infantil, assim aguçando o gosto da criança pela leitura, comprovando que esta é fundamental para o crescimento do ser humano.

Palavras-chave: Conto. Reconto. Literatura Infantil. Educação Infantil.

ABSTRACT

This work deals with Children's Literature with children from Early Childhood Education, addressing the importance that the tale and the retelling have in the child's life, how they can collaborate for the development of their linguistic practice, their oral and body expressions. Bearing in mind that storytelling is a time widely used by educators in the classroom, the aim is to understand the practices and development of this pedagogical resource. The research had as theoretical reference mainly Abramovich (1993), Arroyo (2003), Bettelheim (1998), Souza and Bernardino (2011), Cademartori (1986), Coelho (1999), Alves (2008), Bussato (2007), Mendes (2000), Souza (2018), among others that will provide greater knowledge on the proposed topic. In addition to national legislation such as LDBEN, RCNEI, PNCs, BNCC, among others. Our question is: can the tale and retelling be used as teaching-learning tools in early childhood education? Aiming to understand the tale and the retelling as important tools for the development of reading in Early Childhood Education children from the supervised internship experience. To this end, we carried out a qualitative research, characterized as participatory research in an Early Childhood Education school, based on the researcher's interaction with students from a preschool class in August and September 2018. Thus, we sought to understand the studies of the authors about the tales and correlating them with the practices of the activities developed in the classroom during the supervised internship, aiming at the integral development of the child and the incentive for the awakening of children's reading, thus sharpening the child's taste for reading, proving that this is fundamental for the growth of the human being.

Keywords: Tale. retell. Children's literature. Child education.

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

BNCC – Base Nacional Comum Curriculares

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PAPEL DOS CONTOS INFANTIS PARA AS CRIANÇAS.....	13
2.1 ESTÁGIO DA LEITURA	19
2.1.1 Pré-Leitura	20
2.1.2 A Leitura	21
2.1.3 Pós Leitura	23
3 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS NA ROTINA ESCOLAR.....	25
3.1 O CONTO E A EDUCACAO INFANTIL: A HORA DA CONTAÇÃO.....	26
3.2 A IMPORTÂNCIA DO RECONTO E A DRAMATIZAÇÃO.....	32
4 A UTILIZAÇÃO DO CONTO E RECONTO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	37
4.1 ENCAMINHAMENTOS METODOLOGICOS	37
4.2 LOCAL DA PESQUISA: A CIDADE E A ESCOLA.	37
4.3 INTERVENÇÕES	39
4.3.1 Relato 1	40
4.3.2 Relato 2	42
4.3.3 Relato 3	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata-se de um estudo sobre os contos e a sua importância na vida pessoal e no desenvolvimento psicoemocional da criança da Educação Infantil. Os contos e recontos podem estimular o imaginário das crianças, proporcionando o criar e o recriar, facilitando a identificação com a relação que existe entre o imaginário e o real, ofertando uma viagem pelo mundo sem sair do lugar, além de despertar o gosto pela leitura.

Observando o desenvolvimento das crianças, com a exploração de contos em ambiente escolar, pode-se despertar diversas reflexões sobre a concepção dos contos, que sempre são utilizados, mais sem finalidades progressivas para o educando.

Os contos têm conteúdo implícitos, nos quais provocam interesse e desperta um aprofundamento sobre o tema, usualmente pouco explorado na formação de pedagogo. Por tanto, fica o interesse em compreender melhor “o conto e o reconto”, como estes auxiliam na aprendizagem da leitura e da escrita de maneira lúdica e criativa, descobrindo o fascínio o que provocam nas crianças e qual o reflexo em sua vida futura, foram o impulso para a busca de respostas. Diante disso, cabe nosso questionamento: o conto e reconto podem ser utilizados como ferramentas de ensino-aprendizagem na educação infantil?

Assim, apresentamos como objetivo compreender o conto e o reconto como ferramentas importantes para o desenvolvimento da leitura de crianças da Educação Infantil a partir da experiência de estágio supervisionado.

Essa pesquisa teve como referencial teórico principalmente Abramovich (1993), Arroyo (2003), Bettelheim (1998), Souza e Bernardino (2011), Cademartori (1986), Coelho (1999), Alves (2008), Bussatto (2007), Mendes (2000), Souza (2018), entre outros que proporcionará um conhecimento maior sobre o tema proposto. Além da legislação nacional como a LDBEN, o RCNEI, os PNCs, a BNCC, entre outros.

Esse trabalho de pesquisa mostra as origens dos contos infantis, sua repercussão na literatura infantil, tanto no Brasil como em outros países. Como a tese central deste trabalho é o estudo do material implícito nos contos, citaremos a história dos contos, ressaltando sua importância. Também estão citados os estágios da leitura que o educador deverá ter para um bom aproveitamento dos educandos, como realizar este momento de conto.

Este trabalho foi dividido em cinco seções, apresentando em seu primeiro esta introdução, em seu segundo abordamos o papel dos contos infantis para a criança, trazendo fundamentação teórica enriquecendo a pesquisa, onde apresento os estágios da leitura e como a leitura deve ser feita; enquanto a terceira seção trata sobre a educação infantil e cita importância dos contos na rotina escolar, abordando o breve histórico sobre a educação infantil e como a hora da contação importante para o desenvolvimento da criança pequena, por fim a quarta descreve a prática do conto e reconto, apontando também as orientações metodológicas que abrange a organização, análise e discussão dos dados, nessa sessão foi apresentada a pesquisa e seus resultados.

Considera-se, assim que a leitura de contos infantis se torna um recurso importante para se trabalhar nos educandos a compreensão de valores, podendo auxiliar na convivência e se relacionar com a diversidade e com as diferenças.

2 O PAPEL DOS CONTOS INFANTIS PARA AS CRIANÇAS

O conto é um gênero narrativo literário de forma curta, no qual se apresenta com começo, meio e fim, caracterizado também como histórias de faz de contas relatadas para as crianças. Eles, os contos, agradam e interessam a pessoas de idades diferenciadas, de grau de intelectualidade e culturas variadas, pois podem explorar valores que são perceptíveis nos comportamentos sociais das pessoas.

Nesse sentido, Mendes (2000, p. 22) destaca:

Tão remoto quanto a origem da humanidade, o ato de ouvir e contar histórias não é apenas um dos muitos hábitos que os homens foram desenvolvendo ao longo de sua existência. Na verdade, trata-se de um ato de prazer, cuja finalidade é exatamente fugir aos hábitos rotineiros que marcam a monotonia da vida cotidiana.

Sobre contar histórias, Souza e Bernardino (2011, p. 236) acrescentam e explicam que “o homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam”.

Caldin (2009, p. 78) reforça que “pela leitura desvelamos o mundo: o mundo do texto, o mundo da imaginação, o mundo exterior, o mundo sensível – somos comovidos, instigados e sentimos o impacto do mundo”. Seja para adultos ou crianças, o mundo mágico da leitura abre um universo novo.

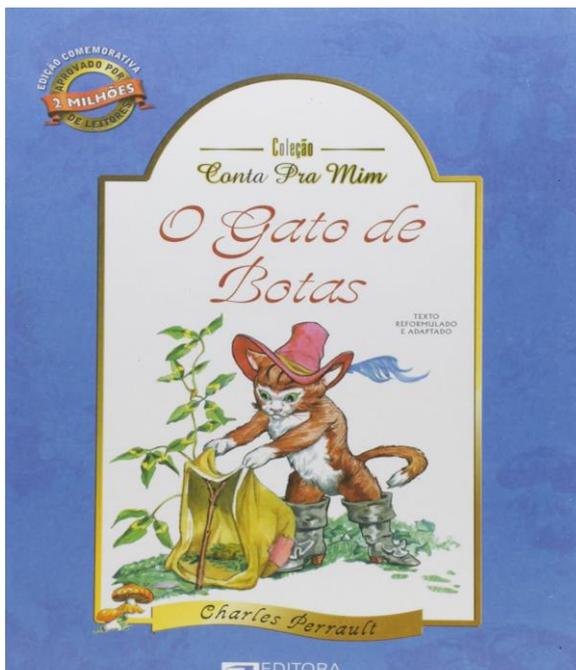
Gotlib (2006) destaca que contemporaneamente há três compreensões para a palavra conto. A primeira se trata do relato de um acontecimento; a segunda apresenta o sentido literário e abrange a origem oral da literatura, pois se caracteriza por narrar um acontecimento falso utilizando escrita ou a oralidade; e a terceira, importante para o que será tratado em seguida, é a definição de conto enquanto uma fábula que se conta às crianças com o objetivo de entretê-las. Todas essas definições “apresentam um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas” (GOTLIB, 2006, p.11).

Os primeiros contos infantis surgiram na França no final do século XVII. Charles Perrault foi o primeiro a dar os acabamentos aos contos. Assim, foi conferido a ele o título de ‘Pai da Literatura Infantil’. Mendes (2000) destaca a obra *Chapeuzinho Vermelho* do autor, e destaca que só após fazer a leitura do texto no original, entendeu

“por que esse pequeno livro é considerado o iniciador da literatura infantil” (MENDES, 2000, p. 17).

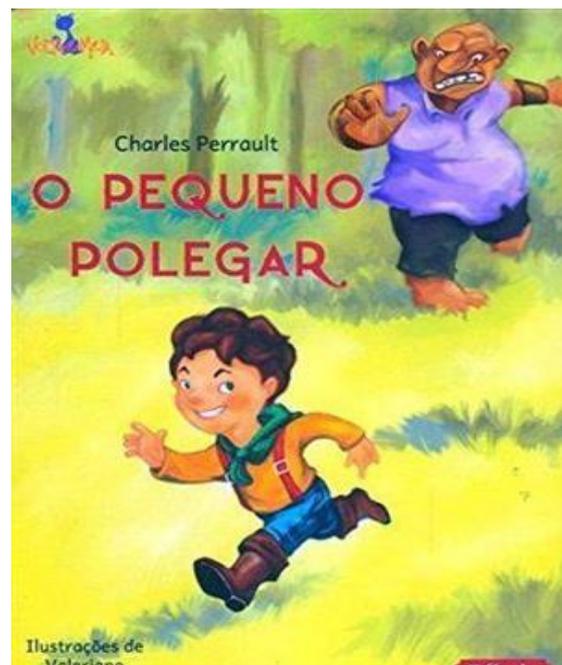
Os principais contos de Perrault são: “*Contos da Mamãe Gansa*”, “*A Bela Adormecida no Bosque*”, “*Chapeuzinho Vermelho*”, “*O Barba Azul*”, “*O Gato de Botas*”, “*As Fadas*”, “*A Gata Borralheira*”, “*Henrique de Topete*” e o “*Pequeno Polegar*” (SOUZA, 2018). Abaixo segue imagens de alguns contos escritos por Perrault:

Figura 1 – Conto “O gato de botas”



Fonte: Google Imagem

Figura 2 – “Conto O pequeno polegar”



Fonte: Google Imagem

Esses contos escritos por Perrault se baseavam em relatos da vida dos camponeses, recheados de conflitos, aventuras e coisas proibidas para menores. No mesmo século os contos foram destacados pelos irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), que usavam da fantasia e do encantamento para fascinar as crianças. Juntos, os irmãos Grimm publicaram 210 histórias, com destaque para as estórias “*Pele de Urso*”, “*A Bela e a Fera*”, “*A Gata Borralheira*” e “*João e Maria*” (SOUZA, 2018).

A autora destaca ainda as contribuições de Andersen (1802-1875), que produziu 168 histórias, destacam-se: “*A Roupas do Imperador*”, “*O Patinho Feio*”, “*Os Sapatinhos Vermelhos*”, “*A Pequena Sereia*”, “*A pequena Vendedora de Fósforo*”, “*A Princesa e a Ervilha*”.

Os contos de fadas, de acordo com Coelho (1987 apud SOUZA, 2018), eram chamados de *contes de fées* na França; já em Portugal e no Brasil, no final do século XIX, foram denominados contos da carochinha, nomeados assim por Câmara Cascudo, oportunizando o estudo de uma distinção entre contos de fada e contos maravilhosos. “Apesar de todo esse aparato histórico, o que temos na verdade, é uma total indistinção entre contos maravilhosos e de fadas” (SOUZA, 2018, p. 13).

Esses contos chegaram ao Brasil no final do século XIX, com adaptações ao modelo europeu, abrangendo todo tipo de literatura, tornando-se apropriado para o projeto educacional, sendo utilizado nas escolas como aliado indispensável na formação dos cidadãos, iniciando com as adaptações de Alberto Figueiredo Pimentel.

Considerando que as obras adaptadas eram de origem europeia, o primeiro registro de literatura infantil brasileira dá-se pelas mãos de Monteiro Lobato em 1920, com a obra “*A menina do narizinho arrebitado*”. Monteiro Lobato traz em suas obras uma ligação muito abrangente com as questões sociais para sua época. Assim, inconformado com muitos problemas sociais, o autor passou a relatar os textos das obras com um olhar crítico (CADEMARTORI, 1986).

Cademartori (1986) destaca que as obras infantis de Monteiro Lobato traziam em seus relatos fatos que antecipam uma realidade no qual supera os preconceitos históricos e acaba ignorando o moralismo, que até então estavam presentes nas obras destinadas à criança daquela época, e explica:

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista (CADEMARTORI, 1986, p. 51).

Isso porque, com a literatura infantil a criança é estimulada a descobrir, a arriscar, a rever e a participar de atividades que contribuirão para o seu processo cognitivo e a formação pessoal e social. Nessa perspectiva, segundo Piaget e Barbel (2003, p. 94) “ao ouvir histórias ou contos, as crianças adquirem valores morais e não por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio ambiente”.

Sobre a importância das histórias para as crianças, Abramovich (1997, p. 16) declara:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Na Educação Infantil, a exploração dos contos como práticas textuais vem sendo trabalhado de modo adequado, podendo despertar o gosto pela leitura, além de se tornar grande aliado na construção do conhecimento da criança, no mesmo instante em que se dá a apropriação da cultura e de saberes para formação de ideais, encorajando na criança o senso crítico e estimulando sua criatividade.

Na visão de Bettelheim (2002), por meio dos contos as crianças aprendem acerca de problemas interiores dos seres humanos e também sobre a solução dos mesmos. Além disso, é por meio dos contos que a herança cultural é comunicada as crianças, contribuindo para a sua educação moral, fortalecendo a importância da leitura. Pois, por meio do hábito da leitura, em sua maior diversidade literária, pode-se construir o conhecimento, usando leitura de forma lúdica e prazerosa para o educando. Dessa forma, o autor considera que:

[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relaciona-se com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro (BETTELHEIM, 2002, p. 5).

Destacando o quão é importante que o docente utilize os contos infantil, se tornando mediador entre o conto, a ilusão e a realidade, apontando momentos ou atitudes que suguem os padrões sociais, como nos contos *Branca de neve e os sete anões* e *Cinderela*, explorando valores e temas sociais como as diferenças de classes sociais, a inveja e a maldade. Pode-se apontar as recompensas ou os ganhos dos personagens no final dos contos de *A bela e a fera* e *Branca de Neve e os sete anões*. Também pode ser trabalhado valores, destacando o preço (o que pode acontecer) ou os riscos da desobediência como relata os contos da *Chapeuzinho Vermelho* e no

conto *João e Maria*, sem esquecer de trabalhar as diferenças humana, explorada nos contos *O Patinho Feio* e *O pequeno Polegar*, assim como a preguiça citada no conto *Os Três Porquinhos*.

Esta linha de pensamento, explorando valores da vida social, é uma linha defendida por Bettelheim (2002), no qual ressalta que a criança, mesmo se divertindo com os contos, aprende coisas de si e para si mesma e para sua vida pois, por meio dos contos infantis, pode-se trabalhar o desenvolvimento da personalidade da criança, preparando-a para a vida na sociedade na qual está inserida. Assim,

Como sucede com toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para cada pessoa, e diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Tendo oportunidade, voltará ao mesmo conto quando estiver pronta a ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos (BETTELHEIM, 2002, p. 20).

Declarando por tanto, que os contos infantis auxiliam para o bem-estar mental da criança, auxiliando-a e despertando o seu crescimento pessoal e favorecendo para uma vida humana melhor.

Sobre a leitura e a escuta de contos tradicionais Machado (2004, p. 29) diz que:

[...] pode nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas abrindo possibilidades para que as questões das crianças estejam enraizadas no sentido de perguntar. Sua experiência pessoal de valores humanos fundamentais, pode ser exercitada no contato com os contos tradicionais. Neles cada narrativa expressa um caminho, um percurso de desenvolvimento, envolvendo necessidade em questões e conquistas: os desafios, provas e obstáculos permeiam as ações de heróis e heroínas que enfrentam situações em que valores humanos como: coragem, liberdade, beleza, determinação e justiça subjagam o medo, a inveja, a covardia e a traição. Por meio de variadas situações humanas – desafios, exposição ao perigo, ao ridículo, ao fracasso, encontro do amor, encantamento, humor – os contos produzem efeitos em diferentes níveis de apreensão: podem integrar, fazer pensar, fazer descobertas, perguntas, questões, provocar o riso, o susto, o maravilhamento.

Para se tornar esse mediador, o docente deve buscar alterar as suas metodologias e as rotinas na hora dos contos, explorando, a partir deles, os personagens vivos, cenários, a mudança de voz e ações, tornando-os assim mais real aos olhos das crianças, mais aceitável e mais compreensivo, seguindo assim a proposta da Educação Infantil no que diz respeito às áreas de identidade e autonomia, movimentos, artes visuais, linguagem oral e corporal e natureza e sociedade. Nesse

sentido, o Referencial Curricular Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) sugere que:

[...] os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias [...]. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiem a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc. propiciar momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor (BRASIL, 1998, p. 117).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, na etapa da Educação Infantil, declara que é indispensável oferecer à criança variadas experiências com a leitura, em seus mais diferentes tipos, que elas possam falar e ouvir, se expressar, se socializar, construir e aprender, assim por meio do falar e contar histórias as crianças aumentam sua capacidade de desenvolvimento da leitura e oralidade, pois

Na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2018, p. 40).

Para a etapa da Educação Infantil, a BNCC, assim como o RCNEI, cita a exploração pelo educador(a) de diferenciados tipos de leitura, como contos, fábulas, cordéis, parlendas, poemas, entre outros, para que a criança conheça diferentes gêneros textuais e diferentes tipos de imagens, afirmando que na educação infantil:

A imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo (BRASIL, 2018, p. 44).

Para tanto, as histórias é uma ferramenta pedagógica que pode contribuir de maneira significativa à prática docente na educação infantil. Ao escutar essas histórias, a criança é estimulada à imaginação, à educação, à instrução, ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, a dinâmica no processo de ler e escrever, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil, levada para a vida adulta (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

E para a linguagem infantil não ser sem sentido, os educadores ao utilizar os contos podem e devem estimular a habilidade do senso crítico dos seus educandos e não permitir que este tenha um pensamento pronto e acabado, baseado apenas no que o professor(a) pensa ou fala.

Portanto, afirmar-se que a leitura deve ser usada de forma interativa, em que o educador(a) não deve apenas ler pelo simples ato de ler, mas que leia atribuindo sentido e contexto ao conto, demonstrando expressões e emoções, transmitindo sentido e aprendizado a cada conto lido.

Nesta visão, a atuação do docente se torna um ato importante e transformador, porém suas práticas não devem ser somente de transferir conhecimento, cabendo ao docente conduzir a criança à uma nova visão que seja enriquecedora.

2.1 Estágios da Leitura

É importante destacar que esta pesquisa levará em consideração que a criança quando pequena é extremamente dependente do adulto, requerendo muita atenção e assistência, tendo em vista que não tem autonomia para realizar determinadas ações. Diante desta realidade, ao adentrar no universo do imaginário, o educador(a) deverá estimular lentamente o desenvolvimento das habilidades para que as crianças possam desempenhar as suas atividades e ações com sucesso.

Segundo Cademartori (1986, p. 73) é “através da história, que a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim com a sua conjunção com o imaginário e o real”. Ao realizar a leitura, o leitor(a) poder se transformar, se transportar, incorporando o personagem, pode vivenciar emoções, viajar a lugares fantásticos e tenebrosos, lutando, sofrendo e crescendo. Assim, para despertar o gosto pela leitura nas crianças, os educadores devem utilizar-se de estratégias que agucem o interesse, conduzindo-as ao desconhecido, levando-as a imaginarem o que contém naquela história, de que forma será contada, quem são os personagens, quais são e como são os lugares desta história, etc.

Para desenvolver um trabalho lúdico com os contos o(a) educador(a) deve enriquecer seu repertório, suas metodologias e suas práticas, pois a criança se transporta ao ouvir uma contação desenvolvida de forma fascinante.

Sobre atividades lúdicas, sejam jogos ou contos, Maluf (2012, p. 22) relata:

Toda criança que participa de atividades lúdicas, adquire novos conhecimentos e desenvolve habilidades de forma natural e agradável, gerando um forte interesse em aprender e garantindo o prazer. Podemos verificar através das atividades lúdicas o que a criança: Faz e como organiza este fazer.

Para isso o(a) educador(a) pode utilizar-se de estratégias que podem ser abordadas como um processo coletivo entre educador(a) – que é o mediador – e o educando(a), que será conduzido à autonomia, à medida que é auxiliado na interpretação do imaginário para o real.

Dessa forma, é possível pensar que para realizar a leitura o(a) educador(a) deve seguir algumas das etapas das estratégias da leitura. As estratégias de leitura, na visão de Solé (1998, p. 68) é “um procedimento - com frequência chamado também de regra, técnica, método, destreza ou habilidade - é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, isto é, dirigidas à consecução de uma meta”.

2.1.1 Pré-leitura

Antes de ser realizada a leitura da história, do conto, das fábulas, dos contos de fadas, da mensagem, entre outros gêneros. É importante o(a) educador(a) iniciar com a apresentação do material a ser lido, mostrando a capa, por exemplo. Demonstrando, perguntando e falando o que as crianças veem na capa, quais os desenhos, se tem algum significado, se elas sabem qual será a história, informar sobre o que será falado e que está dentro do livro.

Solé (1998, p.89) ressalta que “as estratégias de leitura devem estar presentes ao longo de toda a atividade, isso porque muitas das estratégias são passíveis de trocas, e outras estarão presentes antes, durante e depois da leitura”.

É relevante que o(a) educador(a) fale sobre o nome do autor, se possível escrever no quadro. Falar sobre o autor, onde vivia e que tipo de conto ou história ele escreveu naquele livro, se o autor escreve só para crianças, ou citar quem é seu público-alvo. Também deve ser falado sobre a editora, sobre o material que é feito o livro, se é emborrachado, de plástico, de tecido, se tem relevo ou não, entre outras coisas. Deve-se destacar os cuidados importantes com o material, como manusear e guardar e conversar sobre as imagens, mostrar algumas cenas e conversar sobre o que acontece dentro do texto a ser lido, se tem letras ou não, se tem ilustrações, assim

por diante. Despertando na criança a curiosidade de conhecer o novo ou até mesmo de reviver e redescobrir o que já conhece. Para Alves (2008, p. 41):

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a estória. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) o professor(a), como leitor(a), deve se preocupar em criar um ambiente agradável e convidativo, gerando as expectativas e permitindo o contato direto com as ilustrações enquanto a história é lida, fazendo com que desde cedo as crianças se interessem para ouvir as histórias. O documento afirma que:

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (BRASIL, 1998, p. 143).

Assim, percebe-se que ao fazer essa atividade o(a) educador(a) pode realizar uma prévia do aprendizado, pois dará início a participação da criança na prática da leitura, aguçando a sua atenção e curiosidade para o conteúdo apresentado.

2.1.2 A leitura

Cabe ao educador(a) realizar uma leitura pessoal e silenciosa antes de fazer a leitura para as crianças, para ter conhecimento do que será lido. Pois, como mediador da leitura, deverá conhecer as variações do tom de voz dos personagens, das caminhadas, conhecer as mudanças faciais e conhecer os gestos para que a criança tenha uma compreensão mais satisfatória da história, podendo interpretá-la com mais clareza. Além disso, cabe ressaltar a afirmação do RCNEI:

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita. Sabe que na escrita as coisas permanecem, que se pode voltar a elas e encontrá-las tal qual estavam da primeira vez (BRASIL, 1998, p. 143).

A leitura, na visão de Martins (2006, p. 33):

[...] se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvimento de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

Segundo Solé (1998, p.115) “a maior parte da atividade compreensiva – e a maior parte do esforço do aluno leitor – ocorrem durante a própria leitura”, ou seja, ações realizadas pelo(a) educador(a) despertará na criança uma atenção maior e assim estimulará a compreensão do que é lido, pois as vozes diferenciadas, os sons apresentados e as expressões faciais servirão como ferramenta para assimilação do que se ouve para o imaginário infantil.

Quando o(a) educador(a) faz uso dos contos e recontos utilizando formas variadas de explorar – usando materiais como fantoches, livros, teatro, dramatização, palitoches¹, etc. Pode tornar o momento mágico e encantador, fascinante e progressivo na vida da criança, pois passa a abrir uma janela mostrando um mundo leitor a quem ainda não conhece as palavras. A mudança de entonação é importante para compreensão dos acontecimentos, fazendo a criança conhecer e reconhecer as mais variadas sensações, emoções e curiosidades descritas no texto.

Na visão de Bamberger (1995, p. 24) “contar histórias em voz alta utilizando livros com gravuras é muito importante para a motivação da criança e o desenvolvimento de seu vocabulário”. Além do(a) educador(a) usar como artifícios da leitura as expressões corporais e faciais deve sempre estar mostrando às crianças imagens do que se é lido, pois levará a criança a assimilar a leitura e facilitará a compreensão.

Sobre o ouvir e contar histórias, Gomes (1991, p. 16) relata:

Ouvir e contar histórias corresponde [...] a uma necessidade humana, particularmente visível na infância. Nas comunidades atuais, muitas educadoras procuram dar resposta a essa necessidade, integrando nas atividades quotidianas dos jardins-de-infância a narração e a dramatização de contos, assumindo assim, também elas, a herança dos narradores de histórias, num tempo quase desprovido de avozinhas sábias e de saborosos contos populares

¹ Os palitoches são fantoches confeccionados cuja haste de apoio ao corpo são palitos.

Desta forma, o(a) educador(a) ao desenvolver as práticas, abrange o espaço imaginário infantil possibilitando uma construção com o real, pois com essa estratégia pedagógica – conto e reconto – pode citar, destacar e desenvolver a aquisição de valores e de vocabulário, ações fundamentais para a vida diária da criança e do futuro leitor.

Diante disso, Balça (2010, p. 48) acredita que “ (...) a literatura infantil encerra, para além de uma função lúdica e de uma função estética, uma função formativa, e neste sentido pode auxiliar as crianças a compreenderem e a aceitarem o outro”.

Dando continuidade ao pensamento sobre o ato do conto e reconto, Borges e Moreira (2004, p. 461), salientam que:

O discurso literário parte de um imaginário e se historiza ao adquirir sentidos, passando a partir daí a ter existência real pela linguagem no mundo da ficção (...) basta que o autor desdobre o seu imaginário pondo a língua em funcionamento.

2.1.3 Pós-leitura

Com o desenvolvimento artístico apresentado pelo mediador, o qual deverá facilitar a compreensão da história, juntos educando e educador(a) discutiram oralmente a história, conto, mensagem, etc. contada ou lida, definindo a ideia central, a moral da história. Logo após o término da leitura, é ideal iniciar uma conversa dirigida sobre a história, se agradou ou não as crianças e o porquê, conhecer que ponto mais chamou a atenção, entre outras coisas.

Aqui nesta etapa acontece a avaliação do aprendizado da criança junto ao material lido, qual a sua compreensão e qual o seu ponto de vista – em alguns casos há discordância do ponto de vista entre as crianças, que deve ser respeitado.

O(a) educador(a) poderá explorar da criança a representação da história ou conto por meio de registro de desenhos, por construção em massa de modelar ou em pintura – ou mesmo em recontos da história pelas próprias crianças.

Antes a essa realidade o papel do(a) educador(a) é inegavelmente determinante, pois partirá do abstrato para o concreto, do conhecimento simplório para o complexo; propondo que a criança desenvolva sua visão crítica e participativa, ficando livre para expor suas opiniões, sem classificação de certo ou errado, mas

dando condições para a formação leitora da criança, não se restringindo simplesmente a opinião e visão do/a educador/a.

Martins (2006), ao refletir sobre a leitura e seus sentidos, explica que o ato de ler pode ser pensado e nele são percebidos três níveis básicos de leitura: nível sensorial, emocional e racional:

Cada um desses três níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido. Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades e interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere (MARTINS, 2006, p. 37).

De acordo com os níveis de leitura, o(a) professor(a), como mediador(a), conseguirá avaliar em qual categoria o seu alunado se coloca, assim o mesmo poderá desenvolver um processo de leitura mais flexível, poderá trabalhar com uma metodologia que esteja subdividida por categorias de níveis. Dessa forma, com o passar do tempo os alunos irão chegar ao mesmo nível, mais para isso é necessário que o(a) mediador(a) esteja se atualizando nos seus métodos de ensino, para poder contribuir com uma leitura de qualidade.

De acordo com os PCNs:

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura — que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 43).

Nesta concepção, o ambiente de leitura deve conquistar o leitor, deve existir diversas opções, nas quais o alunado possam encontrar os mais diversos tipos de livros, revistas, cartazes, figuras que representem crianças se divertindo com as histórias, esse ambiente precisa ser conhecido pelo(a) docente, para que sabia conduzir os alunos a revelar seus interesses, o(a) professor(a) deve dar exemplos produtivos de leituras que possivelmente agrade as crianças.

Observa-se nos dias atuais, que nos mais diversos ambientes a leitura é retratada na rua, no trânsito, no mercado, na descrição de produtos, entre outros locais. Na escola, a leitura representa uma ferramenta fundamental para acompanhar a escrita e o desenvolvimento intelectual dos alunos.

3 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS NA ROTINA ESCOLAR

A Educação Infantil é uma etapa importante para a formação da criança, pois é o momento em que ela começa a experimentar o mundo fora do núcleo familiar, faz novos amigos, aprende a conviver com as diferenças e faz várias descobertas em todas as áreas do conhecimento. A Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASI, 1996, on-line).

A função social da Educação Infantil compreende duas ações indissociáveis: Cuidar e Educar. O cuidar envolve as relações afetivo - emocionais entre adultos e crianças que partilham os espaços aprendentes das escolas de educação infantil. O educar envolve as ações sistematicamente planejadas, focadas em objetivos que visam a ampliação das possibilidades cognitivas das crianças. No entanto não são ações estanques. São interdependentes (GASPAR, 2010).

Historicamente no contexto da Educação Infantil essas duas ações foram entendidas durante muito tempo como algo separado. O cuidar voltado para as ações que envolviam higiene, alimentação e sono; o educar nas atividades pedagógicas ditas “dirigidas” (GASPAR, 2010).

Ainda conforme o autor, a educação Infantil surgiu como instituição assistencial que tinha como objetivo suprir as necessidades da criança e de ocupar, em muitos aspectos o lugar da família. As creches são produtos da revolução industrial. No Brasil surge a partir de uma crescente urbanização e estruturação do capitalismo e, com ele, a necessidade da mulher em ocupar o mercado de trabalho, desencadeando uma movimentação entre os operários pela reivindicação de um lugar para deixarem seus filhos.

As creches preenchem as necessidades para a classe trabalhadora. Firmando-se assim, o cuidar como atividade principal dessas instituições (GASPAR, 2010).

A partir de 1980 dá-se um avanço em relação a Educação Infantil. Foi concluído que, independentemente da classe social, a educação da criança pequena é extremamente importante e que todas deveriam ter acesso a ela.

Em 1994, o Ministério da Educação publicou a Política Nacional de Educação Infantil que estabeleceu metas como a expansão de vagas e políticas de melhoria da qualidade no atendimento às crianças, entre elas a necessidade de qualificação dos profissionais, que resultou no documento por uma política de formação do profissional de Educação Infantil (BRASIL, 1994).

Assim, a Educação Infantil passa a ser vista como a junção do educar e cuidar. Cuidar no sentido que as necessidades básicas da criança sejam atendidas e educar, porque deve oferecer à criança, possibilidades de descobertas e aprendizados.

Por isso, a Educação Infantil é a fase inicial da vida escolar da criança, ela desperta um mundo de curiosidade e aprendizado, pois é vista, desde o século XIX, como o alicerce para o conhecimento, no qual a criança irá adquirir seu processo de formação social, sendo o professor um dos principais responsáveis em organizar e incentivar a criança pela busca e interesse (DOURADO, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) diz que:

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de *conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se*, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2018, p. 2).

Portanto, a criança aprende brincando, por que então não ensinarmos da maneira que eles aprendam melhor? De uma forma lúdica e prazerosa? É um método eficiente, pois as utilizações de contos são como facilitadoras na aprendizagem da leitura na educação infantil, visando a transição para os anos iniciais.

3.1 O conto e a Educação Infantil: A hora da contação

A prática do conto é fundamental para o desenvolvimento infantil. Elaborando a organização de atividades estruturadas, o(a) educador(a) pode conduzir interações

entre ele/ela e o educando; entre educando – educando e educando – mundo. Nos primeiros anos de vida da criança são construídas e desenvolvidas maneiras particulares de ser e esquemas de relações com o mundo e com as pessoas.

Partindo deste princípio, para auxiliar o desenvolvimento infantil, o(a) educador(a) pode colocar em prática o que chamamos de “rotina”, que nada mais é do que a sequência de várias atividades diárias que possibilitam aos educandos perceber a relação espaço – tempo, necessário ao seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Sobre a rotina, Mantagute (2008) destaca que pode ser definida como uma categoria pedagógica utilizada nas instituições educativas para auxiliar o trabalho dos educadores, sobretudo, para garantir um atendimento de qualidade para as crianças. Ainda sobre rotina, Barbosa (2006, p. 201) afirma que:

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas.

Definindo assim, a rotina como uma sequência de práticas pedagógicas, agindo com repetições determinadas ou predeterminada entre educador(a) e educando(a), atuando como um entrelaçamento entre o educar e o cuidar, delimitando o tempo e as ações a serem desenvolvidas enquanto a criança estiver na escola.

Destacamos também, que as atividades planejadas contribuirão para um bom processo educativo, a fim de proporcionar e levar aos educandos a vivência, a motivação, a atenção e a alegria rumo à constituição do saber.

Esta proposta defende que o(a) educador(a), baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), junto à instituição possa proporcionar ao educando momentos de aprendizagem, conforme determina o artigo 9º da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I – Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

- II – Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- III – possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;
- IV – Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais;
- V – Ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas;
- VI – Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; (BRASIL, 2009, p.99).

Embora saibamos que as crianças não se desenvolvem de forma homogênea, o(a) educador(a) deverá organizar suas práticas visando os aspectos físicos, cognitivos, afetivos, entre outros, seguindo a linha metodológica defendida pelos teóricos que embasaram esta proposta, no qual trabalhará os conhecimentos e conteúdo de maneiras concreta, viva, inerente a vista social das crianças. É relevante considerar as práticas pedagógicas, bem como as didáticas, devem observar o contexto sociocultural em que as crianças estão envolvidas.

Nesse contexto, a prática do conto representa uma atividade importante na educação infantil, uma vez que os contos exercem um grande fascínio nas crianças, são caminhos de descoberta e compreensão do mundo.

O ato de contar ou ler contos é fascinante e mágico. As palavras “*Era uma vez...*” ou “*Há muitos e muitos anos atrás...*” ou “*Muitos anos atrás...*” são expressões que transportam os educandos que ouve a leitura para um lugar fantástico, levando-os a incorporar personagens, a viver diferentes emoções em vários lugares diversos. Quando o(a) educador(a) realiza a leitura, acaba possibilitando ao educando a oportunidade de manter viva a ação de criar, de imaginar e de transformar o impossível, oportunidade de vivenciar as possibilidades de um novo encantamento, com o poder mágico das fadas, das bruxas, dos reis, rainhas, príncipes e princesas.

Nesse sentido, cabe lembrar a afirmação do RCNEI, de que:

Ler não é decifrar palavras. A leitura é um processo em que o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, apoiando-se em diferentes estratégias, como seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a linguagem escrita e o gênero em questão (BRASIL, 1998, p. 144).

Tornando assim a leitura e a narração de história uma ferramenta transformadora para a vida do ser humano, além de propiciar o autoconhecimento,

despertam um clima de confiança, permitindo a construção de novas histórias, cultivando a consciência crítica e colaborando para o próprio processo de amadurecimento. Segundo Kast (1997, p. 56):

Quando o tema de um conto de fadas consegue nos afetar, significa que ele é, também, um tema de nossas vidas. A partir das imagens do conto de fadas podemos tocar em partes de nossa psique que causam dificuldades e, assim, conter suas vias de desenvolvimento.

Os contos fortalecem a imaginação e estimulam a fantasia. E já que nos contos os finais são sempre felizes, tal fato possibilita ao educando não ter ou sentir medo, a sempre buscar a vitória e um bom resultado para o seu final.

Nos estudos sobre a criança, Dieckmann (1986) afirma que por meio de figuras dos contos de fadas, ela aprende a corresponder as exigências e necessidades dos outros e do ambiente, a se proteger e a combater as investidas contra sua própria personalidade. Aprende também a agir, resistir e superar situações como os adultos, assim como entender como eles são através da ideia que faz de si mesma.

Nesta visão Coelho (1999, p. 33) complementa:

Devemos mostrar o livro para classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade das narrativas.

Portanto, o(a) educador(a) ao contar uma história, deve proporcionar ao educando uma viagem ao mundo imaginário. Corretamente afirmar que o contador sempre conte ou realize a leitura de pé, em espaço amplo, para que possa ter movimentação, desenvolvendo as facetas da história, tais como gestos, passos, modificações de voz, tornando o momento mais real possível. Bussatto (2003 apud SOUZA; BENARDINO, 2011, p. 245):

Aponta para a facilidade que o contar em pé permite, no sentido de permitir a criação de imagens corporais; além disso, chama a atenção para a ligação entre o professor/contador e as crianças através do contato visual, olho no olho. No contato olho a olho, a manutenção do interesse no que se está dizendo acontece e, ao mesmo tempo, envolve o ouvinte e o valoriza, fazendo deste, parte da narração.

Sobre a postura de quem conta a história Souza e Bernardino (2011, p. 245) complementam:

A postura corporal do professor/contador sobre o contar sentado ou em pé são escolhas que advêm das características inerentes ao conto e do jeito de ser e funcionar naturalmente o educador. O importante é ter uma postura corporal ereta e equilibrada, com musculatura relaxada, permitindo flexibilidade e expressividade corporal possibilitando uma linguagem do corpo harmoniosa e, por possibilidades de sintonia com a história a ser narrada. Um corpo flexível favorece a utilização de gestos com leveza e naturalidade.

Na hora do conto, é importante o educando deve estar sentado num espaço em que possa acompanhar todos os movimentos do contador, ao final interagindo oralmente e posteriormente recontando o conto.

Souza e Bernardino (2011) fazem a seguinte afirmação sobre o horário do conto para as crianças:

O horário adequado é aquele onde as crianças estão relaxadas, para pensar sobre a história que viram ou escutaram mostrar o livro a criança e deixar que está o manuseie é importante para a interação com o objeto, antes do recreio ou almoço ou ao final do dia são os melhores momentos para a contação. Quando ao espaço físico, sugere ambientes fechados, que evitem a dispersão, como a sala de aula, o bom é criar um ambiente de aconchego e a proximidade mantendo as crianças próximas em círculo (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 247)

Ainda sobre os contos, Dinorah (1995, p. 50) destaca:

Contar histórias é uma arte, certamente. E nem todo professor nasce com o privilégio deste dom [...], entretanto, o uso de alguns cursos fará dele, se não o artista de dotes excepcionais, um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo um texto para os pequenos.

Para uma prática dessa surtir efeito satisfatório, há uma relação de algumas sugestões de atividades para os/as educadores. Souza e Bernardino (2011, p. 245) ressaltam:

A importância de o professor/contador estar sensibilizado com a narração; é preciso que haja identificação entre o narrador e o conto. Com a história escolhida, o passo seguinte é estudá-la, buscando suas intenções e apreendendo seu simbolismo.

O quadro a seguir, são sugestões de atividades que o(a) educador(a) podem realizar em sala de aula:

Quadro 1 - sugestões de atividades para o educador

Atividade	Descrição
Selecionar bons contos de fadas (versões originais ou mais fiéis a ele)	Estes contos devem oferecer ao educador várias linhas de trabalho, das quais ele possa explorar a moral dos contos, trazendo para a realidade do educando e facilitando assim a aprendizagem mais real e completa dentro dos padrões sociais e comportamentais.
Oferecer um repertório variado levando e deixando que a própria criança escolha seus contos preferidos.	Conforme a escolha da criança é possível perceber que tipo de angústia a aflige naquele momento. Assim ao ser trabalhado a vontade do educando, sempre que possível, facilita a participação e o conseqüentemente a compreensão dos acontecimentos.
Estimular a criança a fazer ilustrações a partir das histórias lidas ou contadas.	Com a atividade, o educador venha a ter um conhecimento breve do que se passa na mente do educando ao ouvir os contos. Para que se possa conhecer o nível da compreensão do educando e a sua evolução imaginária, o educador deve lembrar de escrever ao lado de cada um dos desenhos o que significa, pois por meio destas representações o educando reproduzirá sua emoção, podendo relatar suas alegrias, medos, tristezas, entre outras.
Dar oportunidade para a criança criar cenas, ações e um final diferente para a história.	Como a intenção é aproximar o conto o máximo que puder da realidade, deixar as crianças modificar as cenas, as ações ou os finais dos contos. Portanto, dá a oportunidade ao educando de perceber que ele pode ser diferente, ou que pode fazer a diferença, introduzindo padrões éticos e morais da sociedade desde a infância.
Após contar a história, propor outras atividades.	Utilizando a massa de modelar, colagem, pintura, desenhos, dramatizações e até mesmo o próprio reconto projetando na arte seus conteúdos inconscientes ativados pela história.

Fonte: Adaptado de Souza e Bernardino (2011).

Busatto (2003, p. 9-10), por exemplo, afirma que contar histórias é uma arte rara, cuja matéria-prima é o imaterial, e que nos liga ao indizível, trazendo respostas às nossas inquietações, expressando e corporificando o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser.

Assim, deixa claro em sua visão, que as atividades despertam o gosto pela leitura e contos, e também demonstra para os educandos a importância de uma boa conduta perante a sociedade, de um bom relacionamento com amigos e familiares e do respeito que deve ter para com todos.

A criança, ao ouvir um conto, acaba desenvolvendo a imaginação e conseqüentemente abre novos caminhos para sua vida, pois os contos, quando explorados corretamente, trazendo a sua 'moral' para a exploração, acaba inserindo a criança ao conto, ou seja, o educador adentra no mundo que o educando está

inserido e todas as suas situações. O que contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia (VIGOTSKI, 2009, p.14).

A história quando é bem desenvolvida pelo educador(a), ao explorar as mais variadas vozes, expressões, gestos e movimentos que supostamente estão escritos nas entrelinhas do conto, possibilita ao educando imaginar-se no conto, como se conhecesse os personagens e estivesse vivendo a história.

No RCNEI está escrito que ter acesso a boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimente a imaginação e desperte o prazer pela leitura, assim a leitura dos contos deve ser um momento bem alegre e prazeroso, rico de mistérios, magia e encantamento (BRASIL, 1998).

3.2 A Importância do Reconto e a dramatização

É importante lembrar que por meio da repetição é que o conto ganha um significado especial para os educandos, assim experimentam os diferentes papéis e emoções dentro de uma mesma história. Toda história é um ponto de partida para uma outra atividade, ou melhor, várias, quem descobre é a criança.

Para Dhome (2011), por meio das histórias, podemos trabalhar vários aspectos internos e educacionais da criança:

Ao nível do caráter – adquire vivência e orientação para construir seus próprios valores; do raciocínio – pelo questionamento dos enredos; da imaginação – é uma necessidade da criança onde a fantasia ajuda a formar sua personalidade e também possibilita a criança fazer combinações, conjeturas; da criatividade – quanto mais a imaginação for alimentada, mais referenciais a criança possuirá, conseqüentemente, maior criatividade também; do senso crítico – constroem uma personalidade altamente ativa, incentivada a identificar atitudes prósperas e reprimir atitudes danosas, visando ter uma vida útil e feliz; disciplina – é entendida como aceite e praticada espontaneamente pela criança e não como algo imposto (DOHME, 2011, p. 18).

Cabendo assim ao educador escolher um conto no qual permita utilizá-lo de forma que contemple outras áreas, partindo do conto para aulas seguinte relacionando sem ter que quebrar o clima criado.

Quando o(a) educador(a) se torna leitor mágico e personagem ativo na leitura, estimula a criança a ser um personagem ativo também. Ou seja, fazer a criança participar do conto, representando-o como personagem em um “reconto”, a criança aprende mais sobre os valores contidos no conto como também amplia seu vocabulário, utiliza-se de expressões, desenvolve a atenção, pois fica atenta à sequência dos fatos citados no conto e passa a ser participante ativo na formação de um elo entre o imaginário e a vida real.

Seguindo esse pensamento Abramovich (1997, p. 17), nos afirma dizendo:

[...] é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser didática, que é outro departamento. Esses são alguns dos motivos que justificam ser tão relevante para a formação da criança ouvir não só uma, mas várias histórias em sua rotina, seja ela familiar ou escolar.

Conforme Beetlestone (1998), na interpretação do conto lido a criança faz o reconto oral do conto, explicitando o seu entendimento sobre o material lido. Nesse momento, a criança se permite um momento da expressão criativa e emocionante, pois ela citará as suas ideias em fatos. Criará alguns fatos e relatará algumas emoções no qual pode não conter no material apresentado, mas ela sentiu, viu (imaginou) e interpreta assim., cabe ao educador(a) respeitar essa ação infantil, pois esta exteriorização das suas ideias aumenta a motivação e as competências orais. Seguindo esse pensamento, o autor complementa e afirma “quanto mais as crianças se familiarizam com os vários elementos de uma história em particular, mais à vontade se sentem para as reestruturar” (BEETLESTONE, 1998, p. 20).

Através da linguagem, o mundo imaginário ganha forma, tornando-se real. A criança, ao contar uma história, compreende que muitas situações que refere não fazem parte do mundo real, contudo, ela narra da mesma forma como se estivesse a vivê-la na realidade. A narração de histórias e o seu reconto, constituem estratégias de excelência para o desenvolvimento da linguagem oral pois, em simultâneo com a sua característica lúdica, permitem a comunicação, a articulação de ideias, e a expressão do pensamento, e conseqüentemente a aquisição de um vocabulário mais

elaborado e de um discurso com frases mais completas (BARRETO; SILVA; MELO, 2010).

Realizando o reconto de forma oral dos contos, a criança começa a se expressar de uma forma mais criativa e mais emotiva, trazendo para o reconto o seu jeitinho e suas ideias, colocando presente na sua narrativa novos elementos, como lugares, objetos e personagens. Como declara Beetlestone (1998, p. 20) “quanto mais as crianças se familiarizam com os vários elementos de uma história em particular, mais à vontade se sentem para as reestruturar”.

Sobre o reconto oral, Borges e Moreira (2004, p. 461) destacam que “o discurso literário parte de um imaginário e se historiciza ao adquirir sentidos, passando a partir daí a ter existência real pela linguagem no mundo da ficção (...) basta que o autor desdobre o seu imaginário pondo a língua em funcionamento”. Assim, quando a criança inclui seu entendimento no reconto, o mundo imaginário passa a ter forma, uma forma real no mundo infantil.

Ao desenvolver os recontos de conto com as crianças, o(a) educador(a) deve reconhecer que cada uma é um mundo e cada uma tem seu tempo, mas todas devem ser vistas como um ‘SER’ total, respeitando suas capacidades e a potencialidades. Desta forma, o(a) educador(a), utilizando atividades lúdicas, põe em sua prática pedagógica e ‘educação humanitária’, trabalhando um a um como cidadão completo, auxiliando assim na sua aprendizagem.

Nesse processo de aprendizagem a criança desenvolve uma variedade de aspectos, esses são chamados de eixos de estruturação: afetivos, cognitivos, motores, sociais, económicos, culturais, entre outros. Sendo visto assim, o(a) educador(a) como mediador(a) da aprendizagem e não ser supremo do saber. Ele media a aprendizagem com a interação social quando usa os contos como rotina diária em sala de aula.

Sobre as atividades lúdicas, Maluf (2012, p. 24), declara que:

A criança pequena pensa e reproduz fatos que a cercam, para os quais conduz sua atenção bastante curiosa. A educação infantil é um espaço original, onde crianças pequenas podem desenvolver como indivíduos ativos e criadores. Sua função é promover aprendizagem significativa, por meio de atividades lúdicas, que são formas de representação através das quais se revela o mundo interior da criança. Se a instituição de Educação Infantil puder proporcionar a criança pequena um espaço com muitas atividades lúdicas, estará propiciando melhores condições para que ela seja apta, em diferentes circunstâncias aprender por si mesma, conhecendo suas capacidades.

Demonstrando assim, que quando o(a) educador(a) trabalha as atividades lúdicas, explorando o conto e o reconto, ensina brincando fatores que contribuirão a vida toda deste 'Ser', como respeitar regras e disciplina, entre outros.

Além do reconto oral, em que o (a) educador (a) conhece o entendimento do seu educando, existe outras formas de atividades lúdicas que demonstram a compreensão dos contos, sejam elas demonstradas por meio de desenhos, da representação com massinha de modelar, do trabalho com argila, com palitoche, etc.,

Além disso, o(a) educador(a) pode explorar o recanto pela dramatização, essa pode ser utilizada como ferramenta pedagógica enfatizando diversas atividades interligadas. Esta é rica e pode explorar além da oralidade, a expressão artística. Essa prática pedagógica traz entre suas finalidades a participação, o estímulo e o convívio social do seu educando, auxiliando também no seu crescimento cultural.

Quando o(a) educador(a) se utiliza da dramatização em suas práticas pedagógicas, oferece a seus educandos aspectos importantes para seu desenvolvimento, tais como: o aumento da criatividade; melhora a interpretação de texto; fortalece a autonomia; desenvolve a expressão corporal e desenvolve a habilidade de comunicação pois a dramatização tem como finalidade buscar a participação, o estímulo, convívio social, além do crescimento cultural e da linguagem oral e corporal, segundo o PCN de Artes (BRASIL,1997) .

Sobre a dramatização Kishimoto (1996, p. 36) afirma:

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantida as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem.

Essas habilidades adquiridas pelos educandos por meio da dramatização, fortalece sua aprendizagem, proporcionando uma participação mais consciente na sociedade. Esta prática pedagógica transforma não só a realidade da criança, mas a escola também. Transformando-a em um espaço de trabalho e aprendizagem explorando o caminho do prazer e encantamento. Diante disso, acordo com o PCN de Artes pode afirmar que:

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só a função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da influência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode

transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (BRASIL, 1997, p. 84).

Essas habilidades adquiridas pelos educandos por meio da dramatização, fortalecer sua aprendizagem, proporcionando uma participação mais consciente na sociedade.

Corroborando que os destaques acima Juan Cervera (apud ARROYO, 2003) cita que o jogo dramático é, como qualquer outro jogo, uma atividade lúdica, que tem como objetivo representar papéis e caracterizar personagens. E enriquecendo ainda mais o valor da dramatização como prática pedagógica, pois é importante não se basear apenas em representar e caracterizar, mas antes em "...criar, vivenciar, desinibirse, crecer, creer en uno mismo, superarse, desarrollarse en todos los sentidos" (ARROYO, 2003, p. 47).

Portanto, a atividade lúdica, por meio da dramatização, age como um momento, uma etapa, que desenvolve várias vertentes e diversas capacidades do educando, proporcionando uma aprendizagem significativa.

4 A UTILIZAÇÃO DO CONTO E DO RECONTO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 Encaminhamentos Metodológicos

Este trabalho traz em sua metodologia a pesquisa qualitativa. Sobre os estudos qualitativos Lüdke e André (1986, p. 12) descrevem que “[...] há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”. Cabe destacar, que nesse tipo de pesquisa ocorre o contato direto entre o pesquisador e os participantes em ambiente natural.

A pesquisa foi realizada numa escola de Educação Infantil, a partir da interação da pesquisadora com estudantes de uma turma da pré-escola. Portanto, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa participante. Esse tipo de pesquisa “caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (GIL, 2002, p. 55). Dentro dessa proposta Brandão (1998, p,43), acrescenta que a pesquisa participante é uma “metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”.

A coleta de dados ocorreu em agosto de 2018. Nesse trabalho relataremos 3 momentos de interação na turma em que tivemos o uso do conto e do reconto nas aulas.

4.2 Local da Pesquisa: a cidade e a escola

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil localizada na cidade de Piranhas, estado de Alagoas.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Piranhas é uma cidade com área territorial de 403.995 km² e população estimada em 25.324 habitantes. A cidade está situada no sertão do estado de Alagoas e fica localizada às margens do Rio São Francisco, tendo a caatinga como bioma.

A pesquisa foi realizada numa escola Municipal de Educação Infantil que atende crianças pequenas com idades de 4 anos e 11 meses a 5 anos e 11 meses. A escola é bem localizada e tem boa estrutura física, conta com uma completa infraestrutura, com 6 salas de aula amplas, arejadas e adequadas à faixa etária a qual

se destina, 1 sala de Direção, 1 sala de Coordenação, 1 Sala de recursos multifuncional para Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 secretaria, 1 pátio, 1 refeitório para alimentação, 3 banheiros, sendo 2 para as crianças e 1 para os funcionários.

A instituição atende 241 crianças em dois turnos. O matutino atende 115 educandos no horário das 7:30 às 11:30h e vespertino atendem 126 educandos no horário das 13:30 às 17:30. Algumas crianças são residentes da zona rural, no qual utilizam ônibus escolar para ter acesso a escola. A maioria reside na zona urbana e vão a pé ou utilizam carros, motos ou bicicletas para chegar à escola. Os pais dos educandos, em sua maioria vivem de empregos em obras de construção, outros são agricultores e muitas mães são domésticas. A maioria das famílias fazem parte do programa de transferência de renda Bolsa Família do governo federal.

No seu grupo de profissionais, a escola conta com 32 funcionários, sendo 1 diretora, 1 coordenadora, 2 secretárias, 3 vigilantes, 13 professores, 2 merendeiras, 2 auxiliares de cozinha, 6 serviçais e 2 cuidadoras.

As salas são organizadas em espaços diversificados e flexíveis, pois permitem modificações no decorrer do ano. Essa organização propicia espaço de convivência, oportunidades para que as crianças assumam pequenas responsabilidades, tomem decisões, discutam seus pontos de vista, façam escolhas, expressem seus pensamentos através de diversas linguagens. As atividades realizadas pelas crianças ficam em exposição, fazendo parte também da organização da sala.

Esses espaços favorecem o desenvolvimento da autonomia da criança ao escolherem o espaço desejado para realizarem suas atividades em pequenos grupos ou individualmente. Elas têm a oportunidade de criar, imaginar, fantasiar, brincar de diferentes maneiras, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação, representação, linguagem e socialização. Também descentraliza a figura do professor, tornando a criança a figura principal na ação pedagógica.

A organização das atividades na Educação Infantil é em forma de projetos, atividades diversificadas e atividades permanentes. Os “Espaços de aprendizagem” são utilizados como suporte para o desenvolvimento dos projetos, das atividades diversificadas e das atividades permanentes.

As atividades são desafiadoras, significativas e integradas, proporcionando às crianças a investigação da realidade por meio da observação, da explorando (fazendo

e respondendo perguntas), criando hipóteses, experimentando possibilidades e compartilhando ideias e sentimentos.

A turma que foi observada é composta por 20 crianças pequenas de 5 anos, sendo 8 meninos e 12 meninas, uma das crianças tem síndrome de Down. A educadora é Pedagoga e pós-graduada em educação infantil.

4.3 Intervenções

Cabe ressaltar que esse estudo é fruto da experiência do estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Este estágio se dividiu em duas etapas: o momento da observação e o momento de regência em sala.

Na ocasião foi elaborado um projeto de Intervenção, com o objetivo de colaborar para o desenvolvimento da criança como um “Ser” participativo no processo da sua aprendizagem. O projeto de intervenção é uma ação a ser desenvolvida no processo do desenvolvimento da aprendizagem, ação que é planejada ao se perceber a necessidade do educando mediante uma dificuldade no aprender. Assim, a intervenção vem possibilitando a assimilação e absorção da aprendizagem, se tornando coparticipante deste processo.

Durante o estágio, observamos que as contações de histórias aconteciam sem muito encantamento para as crianças, usando em sua maior parte, somente o livro como recurso ou muito pouco uma fantasia ou palitoches. Também observamos que as atividades de artes eram trabalhadas de forma repetitivas, usando somente atividades xerografadas, sempre com o intuito de realizar pintura, colagem de bolinhas de papel ou apanes de lápis.

O simples ato de ouvir e de ler histórias é o momento em que se entra num mundo encantador, um mundo cheio de fascínio, rico de mistérios e surpresas, criando assim uma relação lúdica e prazerosa, unindo a criança ao material lido. Levando em conta a importância da união entre a criança e o material, foi desenvolvido na escola um projeto de intervenção.

A intervenção foi realizada por meio da observação em agosto de 2018, na turma B, do horário vespertino. Depois da observação foi elaborado um plano de trabalho para ser desenvolvido e com metas a serem alcançadas. Optamos por realizar um projeto a partir da leitura de contos, em que podemos observar e destacar os pontos positivos e negativos de cada conto ou história.

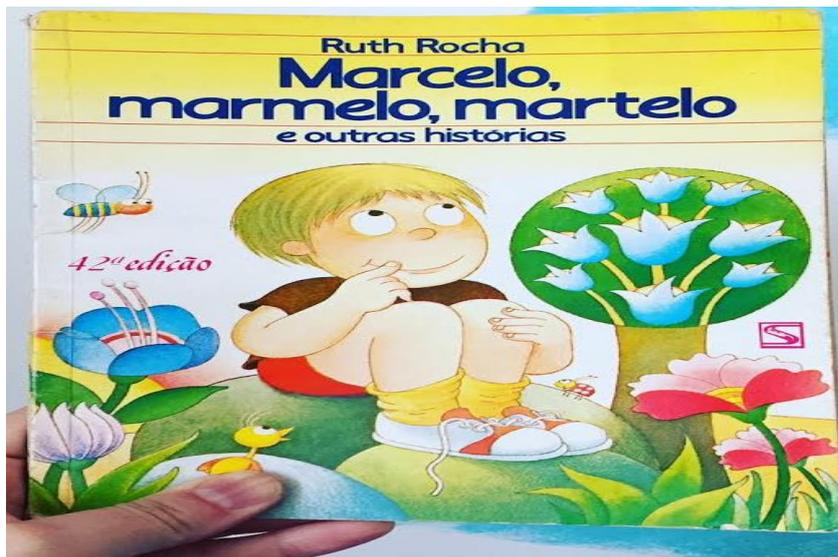
4.3.1 Relato 1

O dia 22/08/2018 foi o terceiro dia do estágio supervisionado. Na ocasião, aplicamos algumas estratégias de conto, a fim de desenvolver uma aprendizagem diferenciada, favorecendo a imaginação infantil. As estratégias utilizadas foram: fazer a apresentação do livro, mostrando a capa para as crianças, apresentando a autora e problematizando a figura da capa.

Após a receptividade das crianças em sala, estas foram conduzidas ao pátio, onde aconteceu o momento de musicalização com as educadoras, utilizando a dinâmica do *eu e o outro*, despertando o interagir infantil.

Foi realizada a contação da história *Marcelo, marmelo, martelo* pela pesquisadora. A história fala sobre um menino que quer saber o nome de todas as coisas e chega a colocar o nome nas coisas também.

Figura 3 – Capa do livro *Marcelo, marmelo, martelo*



Fonte: arquivo pessoal

A educadora tinha como propósito estimular o ato de ler nas crianças, por isso buscou realizar narrativas com exploração do livro de contos, visando o crescimento da prática educativa.

Ao final da contação foram feitas perguntas sobre o que foi lido e também foi dado a oportunidades para as crianças fazerem perguntas, pois as crianças interagem com tudo e com todos. Foram destacados os pontos positivos e negativos da moral

da história trazendo-os para a realidade dos educandos. Foi possível observar que as crianças através da história de *Marcelo, Marmelo, Martelo* problematizaram o conto a partir de sua realidade.

Diante da proposta realizada em sala de aula pela educadora, explorando o recontar por meio de comentários e registro da criança. Gomes-Santos (2003, p. 55) diz que:

[...] O gesto inicial é o do professor, que motiva os alunos para a atividade e apresenta orientações sobre as fases que a compõe...o gesto seguinte inclui a troca de turnos entre professor e aluno no comentário da história lida...em seguida, surge, o gesto do aluno, que deve, por escrito, recontar a história lida pelo professor...o gesto final pode incluir a leitura, para os colegas, dos textos produzidos e a avaliação, feita pelo professor, desses textos.

Coelho (1999) acredita que são as literaturas atuais que proporcionam os interrogatórios na sua exploração oral e escrita aumentando a análise crítica do seu reconto com uma maior facilidade.

Foi produzido com a turma um cartaz, e as crianças criavam palavras que foram transcritas pela pesquisadora, deixando-o exposto na sala de aula. Após esse processo de conhecimento da história e da formação de palavras, chegou a hora da atividade, por meio da exploração dos desenhos – em que foi produzido uma história em quadrinhos pelas crianças.

Figura 4 – Roda de conversa



Fonte: arquivo pessoal

Entendemos que o livro infantil é um recurso importantíssimo para o desenvolvimento infantil, no qual age nas capacidades e nas habilidades de ordem

cognitiva e socioafetiva, contribuindo também no despertar da coordenação motora, na criatividade, na percepção visual, no descobrir das cores e do espaço. Ao mesmo tempo, quando se utiliza do livro para tal recurso, é despertado e desenvolvido na criança um processo no qual ela se apropria, se renova e começa a articular os conhecimentos e as aprendizagens assim adquiridos.

Sobre os diferentes despertar que o conto faz na vida infantil, Corsino (2010, p. 187) declara que “concepções de infância, literatura e as mediações de leitura são as três pontas da trança que tecem o trabalho de literatura junto às crianças, não só na escola, mas nas diferentes esferas por onde circulam”. Zilberman (1998, p.30) acrescenta que:

Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras auto narrador, personagem, ponto-de-vista, a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o estudo daquilo que é literário.

Para Coelho (1999, p. 33):

Devemos mostrar o livro para classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade das narrativas.

E assim, podemos concluir que por meio do uso dos livros com demonstração ao longo do conto, temos uma estratégia utilizada para a narrativa e para o desenvolvimento infantil, pois explora a comunicação partindo da estimulação visual. Podemos perceber que a utilização do livro possibilitou a evolução significativa das crianças, isso mostra que mesmo se sabe ler, houve interesse pelo livro e pelo conteúdo que o mesmo apresentava. Portanto é possível afirmar que através da contação de histórias as crianças se apropriam de valores e demonstram interesse pela leitura, incentivando a se torna um leitor.

4.3.2 Relato 2

No dia 24/08/2018 a aula teve como tema: “A Minha Cidade”, sendo contada a história da cidade de Piranhas, utilizando o tapete da imaginação, ferramenta na qual auxiliaria a assimilação da história de forma lúdica e criativa. Antes de iniciar a contação da história foi necessário fazer uma contextualização sobre localização, onde apresentamos o globo e o mapa de Alagoas, mostrando para as crianças em qual lugar elas estão inseridas.

Sobre o tapete da imaginação, este consiste num material didático, sendo um espaço em que pode ser desenvolvido diferentes cenários e com diferentes elementos do conto, porém este recurso permite o tramitar do mediador.

Figura 5 – Atividade no tapete mágico



Fonte: arquivo pessoal

Figura 6 – Atividade no tapete mágico



Fonte: arquivo pessoal

Vale destacar a citação de Oliveira (2005, p. 04) quando diz:

A história contada oralmente tem uma força de transmissão oral, isto é: a voz, olhar e o gesto vivo do “contador” usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada história, permite-se o uso de recursos e está mais próximo da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias. Ao ler o professor apresenta aos alunos o universo letrado, instigam a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou timbre da voz, mas o texto, é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e que não é utilizada cotidianamente ao falar.

O conto foi trabalhado utilizando como material lúdico: tapete, TNT, cutelo. Ao desenvolver o contar da história, esta ia sendo representada no tapete. Cada parte contada, era transferida uma imagem para o lúdico.

O tapete da Imaginação era feito de TNT e uma parte representava a terra e outra o rio. Colocamos as crianças sentados às margens do rio e desenvolvemos a história. Fizemos a demonstração de cada etapa, os peixes no rio, o pescador, o cutelo esquecido... cada fato demonstrado no tapete da imaginação, estimulando cada criança a falar o que sabia da história.

Foram explorados os fatos históricos, os personagens e os monumentos históricos e sua importância para a história da cidade, de forma bem suave para o entendimento infantil. Nessa prática pedagógica realizada para o tema, o educando desenvolve a criatividade e construir seu aprendizado forma espontânea, em que o lúdico passa a ser despertado e age de dentro para fora fazendo a construção do saber.

Para a realização do conto não se necessita especificamente de um local definido ou de um método único. Portanto Abramovich (1997) diz que, o ato de ouvir contos é o início da aprendizagem de ser leitor. Assim, o educador tem de incluir nos seus programas momentos dedicados à leitura, gerando assim crianças que gostem de ouvir histórias, o que será essencial para uma abordagem bem-sucedida à leitura e escrita. Com esta conduta, podemos formar uma geração de pequenos leitores que lentamente, vão criar o gosto pela leitura, de uma forma divertida.

4.3.3 Relato 3

Neste dia 29/08/2018, a atividade foi desenvolvida com a utilização da caixa da imaginação, em que foi recontada a história de *Marcelo, marmelo, martelo*. Para dar início a contação da história fez-se necessário que cada criança retirasse um objeto, peça ou imagem da caixa para iniciarmos a história, tendo como objetivo fazer com que as crianças pudessem usar sua imaginação para dar sentido à história.

Figura 7 – Caixa da Imaginação



Fonte: google imagem

Durante a recontação, a pesquisadora fez a demonstração do material (livro), lembrando o nome da autora e a editora que lançou, em seguida deu continuidade relatando os fatos, sempre interagindo com as crianças, explorando as variações de vozes, expressões e gestos. Logo após foi realizada uma conversação sobre o conto, permitindo a dialética pelos educandos respondendo fatos do conto que era perguntado pela pesquisadora.

A caixa da Imaginação visa aperfeiçoar e valorizar o indivíduo através das linguagens artística, literária e histórica, a partir da compreensão do seu papel enquanto sujeito histórico, o material enfoca o ato de ler como ponto de partida para a construção do pensamento lógico, com isso, possibilitando a capacitação do aluno em construir suas relações diante do mundo.

Após a discussão foram realizadas atividades xerografada, utilizando palavras do conto que foram exploradas na caixa da imaginação.

Percebe-se diante de tudo que foi apresentado, que os contos infantis trazem ideias abstratas, mas que podem ser compreendidas na vida real, pois promovem o aprendizado com os contos para a vida diária. Proporcionando além do momento de diversão, uma oportunidade de o educando conhecer a si mesma e desenvolver sua personalidade.

Reconhecendo a importância dos contos para o mundo infantil, passamos a explorar diferentes formas de incluir os contos nas aulas com mais frequência.

As práticas foram diferenciadas a cada aula ou a cada semana, para prender a atenção das crianças e para despertar o interesse dos educadores por novas metodologias. A proposta foi ofertar diversidades de textos para proporcionar as crianças um momento fantástico na hora da aprendizagem.

Percebemos que cada criança esperava ansiosa pela chegada da hora do conto, pois até chegar às práticas realizadas no pátio, todos esperaram curiosas e sem noção do que iria acontecer, sentavam-se e ansiosas esperaram.

De acordo com Werneck (1986, p. 153) “a variedade de ilustrações, desde que seja de boa qualidade aguça a percepção, desenvolve a observação e forma no ovelm leitor uma espécie de proteção contra o bombardeamento de materiais visuais estereotipado”.

A Base Nacional Comum Curricular (2018) apresenta estágios que pudesse realizar nos devidos campo de experiência, são eles:

Quadro 2 – Campos da experiência

Campo da experiência	Objetivos
O eu, o outro e nós	Instigar as crianças a construir/descobrir e desenvolver a oralidade através da interação com entre a turma.
Corpo, gestos e movimentos	Explorar o universo cultural e social das crianças através das cantigas populares, bem como promover a oportunidade para as crianças desenvolver expressões a partir da música/cantiga cantada.
Traços, sons, cores e formas	Possibilitar a criança a oportunidade em retirar da caixa musical um ‘desenho’ que contenha uma música, assim ocorrerá o processo de observação das imagens, dos traços, cores e formas e será instigado a socializar a apresentação musical.
Escuta, fala, pensamento e imaginação	Promover a interação didático-pedagógico entre o professor e a criança, através da manifestação oral e áudio/visual da criança.
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	Desenvolver um diálogo com as crianças sobre o tempo e o espaço, situando-as a partir da musicalidade, onde vivem e convivem os personagens descritos na cantiga.

Fonte: adaptado de Brasil (2018)

Diante do observado, é possível percebe que através de conto e reconto as crianças aprendem de uma forma lúdica e prazerosa, além de iniciar a criança no

mundo da leitura, mesmo ainda não sendo uma leitora. A contação possibilita a criança navegar no seu imaginário, como também relacionar a história a sua realidade como foi mostrando nos relatos acima. Portanto foi possível perceber que a introdução das crianças ao mundo da leitura e suma importância, através da leitura feitas por livros, poemas, parlendas ou qualquer outro método que aguça a curiosidade da criança, a mesma é capaz de descobrir culturas, espaços e histórias, isso tudo através da imaginação.

É possível perceber nos relatos que as crianças demonstravam muita curiosidade pela aula, sempre buscamos fazer com que o mesmo interagisse, dando possibilidade para todos fazerem suas colocações e buscando relacionar com sua realidade e suas vivências. Daí a importância de dar voz a criança, pois assim a mesma se conecta com o mundo, amplia seu vocabulário e aprende desde pequena a gostar de leituras, com isso buscamos o desenvolvimento por inteiro da criança, para quando ela chegar no ensino fundamental possa desenvolver suas competências com uma maior facilidade, por isso o conto e o reconto é um excelente método para o desenvolvimento da leitura na criança pequena,

Segundo Andrade (2017) é preciso que o educador utilize diversificadas estratégias de narração, utilizando um leque variado de material. É importante que dialogue com as crianças sobre a história ouvida, fazendo o seu reconto, associando a acontecimentos reais, esclareça as palavras diferentes/novas, pois com isso aumentar seu vocabulário; encoraje as crianças na sua dramatização, elabore livros com as narrativas delas, entre outras possibilidades. Desta forma, o caráter lúdico da linguagem oral é explorado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se dedicou a buscar as fontes sobre a história dos contos, sua importância na vida e no desenvolvimento do educando, sua utilização e suas práticas, a fim de desmistificar os conceitos sobre este material de grande valia para a educação, principalmente a Educação Infantil.

É comum ouvirmos de muitos profissionais da educação que os contos são meros recursos para passar o tempo, no fim de uma aula para esperar o toque de saída, no momento que a turma estiver agitada, sem finalidades específicas para o educando. Errado!

A criança se sente especial em um conto bem realizado, bem lido e bem entonado, por isso fazer utilidade dos contos em suas práticas requer um bom conhecimento. O conto tem que virar encanto. Tem que ser um trabalho organizado, em que o educador e os demais adultos ofereçam aos educandos atividades objetivadas, com papéis ativos para o crescer motor, sensorial, emocional e social do educando.

Nessa experiência, as crianças aprenderam o que é conto, e durante o ano, essa prática trabalharia com a fábula, a lenda, a parlenda, os poemas, entre outros, possibilitando aos educadores a contextualizarem fatos, encontrados dentro do material lido, e destacar momentos da historinha com a realidade ao qual a criança está inserida, trabalhando temas como maldade, amizade, raiva, tristeza, desobediência, união, entre outros. Enfim, todos os valores para uma relação social que vem se perdendo ao longo do tempo. Mudanças da visão e atitudes que fazem parte do crescimento da criança.

Considerando o trabalho como uma pequena introdução ao estudo dos contos, sua complexa fonte de relações, considerações, temáticas, e a concepção pessoal que temos de infância e pelo mesmo ser um trabalho movido por um objetivo pessoal ressaltamos a necessidade de fazer algumas considerações.

Em primeiro, acreditamos na relevância do trabalho, por considerar a escola um palco das diversas interações cognitivas e afetivas e por ser hoje, aspecto relevante entre a ruptura cada vez mais precoce entre a criança e sua família, tendo não só o educador como transmissor dos saberes historicamente acumulados, mas também como ser constituído de psique, e suas relações humanas estritamente necessárias à criança.

O estágio supervisionado num curso de graduação deve ser entendido como um momento de descobertas e aprendizado, de aquisição de conhecimento na prática, vivenciando esse universo desconhecido. Nesse caminho buscamos o aperfeiçoamento e interação, de forma satisfatória, entre a teoria e a prática, reconhecendo como pontos importantes para a prática do ensinar.

Por meio da experiência do estágio supervisionado pudemos conviver e conhecer melhor o cotidiano dos educadores e educandos no ambiente escolar, podendo assim adquirir novas experiências. Nos quais desenvolvemos ações que de forma encantadora, tivessem um melhor envolvimento do educando no novo contexto, visando o inserir no seu meio social, demonstrando mais sabedoria e dignidade.

Nesse contexto, é fácil concordar com Freire (1996, p. 143) quando diz que “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico e serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência de hoje”. As mudanças, portanto, devem ser iniciadas neste cotidiano, incluindo na discussão e neste processo os sujeitos da prática educativa.

A verdadeira educação pode respeitar e aproveitar a natureza infantil. Se a fantasia e as emoções infantis puderem estar integradas no processo de desenvolvimento e conhecimento, a criança irá sentir-se respeitada e terá condições satisfatórias de ingressar em um mundo social e cultural.

Buscando compreender as práticas das educadoras, concluímos que essa prática da hora do conto no contexto escolar deve ser trabalhada por prazer e quando a educadora se entrega a esse momento e ao encanto do conto e do reconto a criança lucra satisfatoriamente em seu desenvolvimento, e é maravilhoso o encantamento da criança nesse momento, pois desperta o imaginário dela, abrindo espaço para expressar-se sobre a interpretação do conto.

Por fim, compreendemos que o conto pode ser apresentado em variados momentos, em especial na hora de introduzir conteúdo, momento que insere a criança em conteúdos determinados pelo ambiente escolar sem ser cansativo ou traumático, angustiante, pois o conto abre porta para assimilação de conteúdos de forma prazerosa.

Concluímos esta pesquisa de forma satisfatória, pois preencheu alguns espaços duvidosos sobre ‘o conto e o reconto’, ampliando nossas competências sobre o tema e auxiliando nas próximas práticas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

ALVES, Rubens. **Conversando com quem gosta de ensinar**. 10 ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ARROYO, C. A. **La dramatización y la enseñanza del español como segunda lengua**. Comunidad de Madrid: Consejería de Educación, 2003. Disponível em: <http://www.madrid.org/bvirtual/BVCM001382.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2021

ANDRADE, Joana F. **A Importância do reconto de histórias no desenvolvimento cognitivo de crianças dos 3 anos**. Porto: 2017. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6307/1/DM_Joana%20Fraga%20Andrade.pdf. Acesso em: 09 de nov. 2021.

BALÇA, Â. (2010). Representações da Alteridade na Literatura Infantil. In: AZEVEDO, F. (Coord.). **Infância, Memória e Imaginário: Ensaio sobre Literatura Infantil e Juvenil**. Braga: CIFPEC - Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2010, p. 47-54.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARBOSA, Maria C. S. A Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p. 56-69, Jan/Jun, 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/barbosa.pdf>. Acesso em: 03 de jun. 2021.

BARRETO, L.; SILVA, N.; MELO, S. **A influência dos contos infantis no desenvolvimento da linguagem infantil**. 2010. Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-dos-contos-infantis-no-desenvolvimento-da-linguagem-infantil/53228#:~:text=Bettelheim%20ainda%20assinala%20que%20as,contribui%C3%A7%C3%A3o%20para%20sua%20educa%C3%A7%C3%A3o%20moral>. Acesso em: 07 de fev. 2022.

BEETLESTONE, F. **Creative Children, Imaginative Teaching**. Buckingham, St Edmundsbury Press Ltd, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

BONAVENTURE, J. **O Que Conta o Conto?** São Paulo: Paulus, 1992.

BORGES, M. C. R., MOREIRA, F. F. O percurso da autoria. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão v.4, n.2, p. 459-468, jan./jul, 2004. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/274/288. Acesso em: 16 de jun. de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 18 de agosto 2019.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 09 de jun. 2021.

_____. **Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996**, Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 12 de jan. 2022.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso em: 07 de fev. 2022.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 07 de fev. 2022.

_____. **Política Nacional de Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1994. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf. Acesso em: 12 de jan. 2022.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 3. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 09 de jun. 2021.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CALDIN, Clarice Fortran. **Leitura e terapia**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 09 de jun. 2021.

COELHO, Bethy. **Contar histórias uma Arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

CORSINO, Patrícia. **Literatura na educação infantil**: possibilidades e ampliações. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Coleção Explorando o Ensino; v. 20 Literatura: ensino fundamental. Brasília, DF, 2010.

DHOME, V. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fadas vividos**. São Paulo: Paulinas, 1986.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a Forma do Leitor**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

DOURADO, Josiane R. **Breve histórico da educação infantil**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2012. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/breve-historico-da-educacao-infantil/>>. Acesso em: 16 de fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, Secretaria Municipal da Educação. **Proposta pedagógica da rede municipal de Gaspar**: Educação infantil. Blumenau: Editora, 2010. Disponível em: <https://www.gaspar.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/24370>. Acesso de 14 de set. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, J. A. **Literatura para crianças e jovens**: alguns percursos. Lisboa, Caminho, 1991.

GOMES-SANTOS, S. N. **Recontando histórias na escola**: gêneros discursivos e produção da escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOTLIB, Nádya Battela. **Teoria do Conto**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

HEILMANN, J. et al. Properties of the narrative scoring scheme using narrative retells in young school-age children. **American Journal of Speech-Language Pathology**, n.19, p.154-166, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/piranhas.html>. Acesso em: 10 de fev. 2022.

KAST, V. **A imaginação como espaço de Liberdade**. São Paulo: Loyola, 1991.

KISHIMOTO, Tizuko. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, R. **Acordais**: Fundamentos Teóricos poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Atividades Lúdicas para Educação Infantil**: conceitos, orientações e práticas. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MANTAGUTE, Elisângela L.L. Rotinas na Educação Infantil. 2008. Disponível em: http://200.195.151.86/sites/educacao/images/stories/elisangelarotinas_na_educacao_infantil.pdf. Acesso em 09 de jun. 2021.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos**: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000011.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

OLIVEIRA, Cristiane M. de. **Livros e Infância**. Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>. Acesso em: 16 de jan. 2022.

PIAGET, Jean; BARBEL, Inhelder. **A Psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, L. O.; BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental. **Revista Educere et Educare**, v. 6, n. 2, Cascavel, p. 235-249, jul. /dez. 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

SOUZA, Marília Linhares. Os contos de fadas e suas implicações na criança. **Revista PLUS FRJ**: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde, n. 4, p. 9-22, Jan/2018. Disponível em: <https://www.frjaltosanto.edu.br/site/wp-content/uploads/2019/05/01-Artigo-OS-CONTOS-DE-FADAS-Marilia.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

WENERCK, R. Y. O problema da ilustração no livro infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão. **Literatura Infante – Juvenil**: um gênero polêmico. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.